

Porque todas as histórias importam

Teatro negro, musical e popular para crianças, “Bitita - Para Não Esquecer” fala de direitos para todas as idades

Me senti como se eu fosse um vizinho que pode acompanhar, com a devida autorização entre varais de roupa lavada, a intimidade de quem mora ao lado. Num quintal, três crianças e uma adolescente - com esta já se portando como adulta por ter que cuidar do irmão menor e das tarefas de casa - interagem num falatório sem fim. Brincam, discutem, reclamam umas com as outras, denunciam problemas sociais, descobrem novidades e aprendem juntas o que é conviver numa comunidade de baixa renda. Carolina Maria (a Bitita), Malcolm X, Ceição e Benê formam o quarteto em destaque no espetáculo “Bitita - Para Não Esquecer”, da Cênica, de São José do Rio Preto/SP, outra atração dedicada às infâncias na programação do FIT Rio Preto 2025 que pude ver, desta vez no Teatro Municipal Humberto Sinibaldi Neto. O texto, de Anna Magalhães, dirigido por Fabiano Amigucci, tem como base o livro “Diário de Bitita”, em que a escritora negra Carolina Maria de Jesus trata da sua infância.

A relação de proximidade estabelecida com a obra - apesar de eu achar que num palco mais íntimo o espetáculo ganharia em potencialidade - se deu pela forma descontraída com que as personagens nos enredam com certa facilidade. Isso porque há um quê de espontaneidade em todo o desenrolar da peça, não só na construção da garotada em cena, mas também no que contam e no que fazem para que a realidade que vivem e as fantasias que planejam nos entrelacem com ainda mais simpatia. Tudo transcorre como num eterno brincar de se perguntar e inventar coisas. Vindos da escola, eles param para questionar o que vão ser quando crescer, até que a pergunta muda de orientação: não só o que querem, mas o que podem ser, pois são três meninas e um menino, todos pretos, de alguma periferia deste Brasil. A resposta de Bitita é certa: “Posso ser o que eu quiser”.

A garota, de pele mais escura, é o protótipo da esperança. Sabe de onde veio, desde os seus ancestrais, e também para onde pode ir, destemida, questionadora, ciente dos seus direitos e sem receio de lutar pelo que quer. Bitita é quase uma heroína criança, mas com as certezas de adulta, já consciente das mudanças que se fazem necessárias. Nasceu pobre, mas tem ganas de chegar bem mais longe do que presumivelmente se espera. É símbolo de um possível mundo melhor, onde haja conquistas e respeito a tantas questões ainda em luta. Assim, no seu papel assumidamente pedagógico, o espetáculo “Bitita - Para Não Esquecer” traz um cardápio de variadas pautas urgentes sendo expostas, questionadas e orientadas para seguirem por viezes mais democráticos.

Seja numa teimosia de meninas com um menino, na escola com instrutores em orientação defasada ou no canto de trabalho de um grupo de lavadeiras (cena bonita em referência à ancestralidade feminina), as situações que nos fazem perceber equívocos e injustiças desse mundo são arquitetadas com muita naturalidade e apimentadas com a graça espontânea de crianças sem rédeas de censura. “Pai tem que cuidar da criança também”, “Com quantos pobres se faz um rico?”. “O correto é escravizado, pois ninguém nasce escravo”, “Não se precisa apanhar para aprender” e “Favela é resistência” são algumas das conclusões dessa meninada que já constatou imposições aos direitos, especialmente do povo negro, e sonha com que cada um possa fazer o que tem vontade.

Pontuado por uma convidativa trilha sonora onde a percussão corporal e o rap aparecem com propriedade para conduzir as melodias do canto ao vivo, “Bitita - Para Não Esquecer” abre as páginas desse relato diário sobre consciência e aquilombamento, mas com a poesia graciosa de uma garotada que planeja projetos de vida variados, assim como os muitos tons de cor da pele da nossa gente. O elenco, formado por Christina Martins, Cairo Francisco, Beta Cunha e Geovanna Leite (desde que consigam dosar suas intervenções de fala ao mesmo tempo sem excessos - o recurso se desgata no correr da montagem e favorece rouquidões), merece continuar brincando e alertando por muitos outros diferentes palcos.